

Mariângela Padilha Maria  
Móite

# A Lenda do Corpo Seco



[www.biblioteca24horas.com](http://www.biblioteca24horas.com)

Mariângela Padilha

**A Lenda do Corpo Seco**

São Paulo

1ª Edição - 2009



Cólofon

Copyright ©2009 – Todos os direitos reservados a:

***Mariângela Padilha***

Capa: René Ociné

Diagramação: René Ociné

Revisão Gráfica: Geralda Aparecida Dias

Prefácio: Paulinho Dhi Andrade

1ª Edição

Agosto 2009

Direitos exclusivos para Língua Portuguesa  
cedidos à

Biblioteca24horas, Seven System  
Internacional Ltda.

Rua Luís Coelho 320/32 Cerqueira César  
São Paulo – SP – Brasil CEP 01309-000

**(11) 3259-4224**

**leitor@biblioteca24horas.com**

**Vendas:**

**[www.biblioteca24horas.com](http://www.biblioteca24horas.com)**

*Todos os direitos reservados. Nenhuma parte do conteúdo deste livro poderá ser utilizada ou reproduzida em qualquer meio ou forma, seja ele impresso, digital, áudio ou visual sem a expressa autorização por escrito da Biblioteca24horassob penas criminais e ações civis.*

# A Lenda DO CORPO SECO

Mariângela Padilha 

- Esta história foi inspirada numa lenda urbana da cidade mineira de Pouso Alegre, mas o relato é ficção e qualquer

semelhança com a realidade é mera coincidência.

- Nas páginas 63 e 68 há uma citação da oração de São Francisco de Assis, que surgiu em 1912, anônima, numa obscura revista devocional francesa. Só depois, especialmente a partir de sua publicação no jornal da Santa Sé, L'Osservatore Romano, em 1916, começou sua rápida difusão e em pouco tempo chegou a todo o mundo, traduzida em praticamente todas as línguas (BN).
- Esse livro é uma homenagem a todas as “Tias Marias” espalhadas pelos orfanatos mundiais, bem como às milhares de crianças que neles habitam.



# Sumário

# Sumário

Prefácio

Introdução

Capítulo I

Capítulo II

Capítulo III

Capítulo IV

Capítulo V

Epilogo

## Prefácio

Ao descobrir um grande segredo de sua mãe, Teodorinho passou a nutrir muito ódio por ela. Sr. João, o pai, sem saber de tal segredo, a defendia de todas as formas dos maus tratos do filho. Mas um dia, Dona Carmem, talvez por remorso por seu segredo e ao saber do ódio que seu filho alimentava por ela, acabou revelando ao esposo toda a verdade, perdendo a vida logo em seguida.

Possuidor de uma maldição, Teodorinho passou a ser conhecido como **Corpo Seco**, um monstro que odiava a própria mãe e devorava animais para sobreviver.

Para que ele voltasse a ser uma pessoa normal era preciso que perdoasse a genitora, mas parece que somente uma pessoa poderia ajudá-lo a fazer isso...

Tia Maria, a mulher mais amada pelas crianças do orfanato **Santa Marta**.

Será que a Tia Maria conseguirá ajudar Teodorinho a se livrar da maldição do Corpo Seco?

**A lenda do Corpo Seco** está longe de ser apenas uma historinha de terror, é muito mais que isso.

Em **A lenda do Corpo Seco**, Mariângela Padilha (Me Morte) deixa bem claro o descaso que muitos pais têm por seus filhos, colocando em questão a indiferença da **Sociedade** diante daquilo que é visto apenas como um problema social.

Grande defensora das crianças,  
Mariângela Padilha (Me Morte) está  
sempre lutando, através de meios de  
comunicação, contra a pedofilia e os maus  
tratos cometidos contra elas.

*Paulinho Dhi Andrade*

# Introdução

Era julho de 2004 na cidade de Salinas, interior de Minas Gerais. O inverno era um dos mais rigorosos que já se ouvira falar nos últimos anos.

O Orfanato Santa Marta era uma instituição com construção antiga, no estilo colonial. Construído lá pelo início do século passado, o orfanato abrigava 38 crianças, desde recém nascidos até 13 anos de idade. Era mantido pela prefeitura local e constituída de crianças sob tutela judicial, que, por algum motivo, haviam sido retiradas de seus lares, normalmente por sofrer abandono ou violência.

Ali recebiam alimentação, atendimento psicológico, médico, estudo, carinho e tudo que uma criança precisa para se desenvolver. Menos o principal: estrutura familiar.

No orfanato trabalhavam 18 funcionários entre auxiliares, jardineiros, cozinheiros e monitores. Dona Nena, uma senhora de semblante severo, era quem coordenava todo o funcionamento da casa.

D. Maria, uma senhora de 60 anos de idade, estatura média, cabelos pretos na altura do pescoço e um jeito especial de lidar com crianças, era monitora e cuidava de uma parte das meninas, oito no total, que ficavam sob sua inteira responsabilidade enquanto durasse sua jornada de trabalho.

Ela dava banho, desenvolvia atividades, cuidava para que se alimentassem e para que não se machucassem. À noite, colocava-as para dormir, sempre com uma historinha nova.

As crianças amavam D. Maria como se fosse alguém da família. Chamavam-na de Tia Maria.

- Tia Maria, à noite a senhora conta a história do Corpo Seco?

- Valha-me, Deus! Claro que não! Isso não é história para dormir.

- Ah! Conta, vai, conta!

Aninha tinha 9 anos e muita curiosidade sobre as lendas que contavam do antigo dono da casa. Diziam que o filho havia se transformado num corpo seco: um morto-vivo, homem com o esqueleto revestido



pela pele, sem nenhuma carne.

Aninha, como todas as outras crianças, queria saber se ele realmente existira. Estaria vivo ainda?

Tia Maria, como já disse, cuidava de oito crianças: Aninha de 9 anos, Edileusa de 10, Sara, Carol e Laís de 12 anos cada e Lurdes, Simone e Luiza, com 13.

A casa era ampla, dividida em alojamentos: das meninas maiores, a crechinha das crianças até 7 anos e o berçário, cada um com seu próprio banheiro e amplas janelas que arejavam o ambiente o dia todo.

A cozinha era enorme, fogão industrial, freezer, duas geladeiras, quatro armários, duas mesas e uma grande pia.

Na lavanderia ficavam as roupas, produtos de limpeza e quatro máquinas de lavar.

O jardim rodeava a casa quase que totalmente, com muitas margaridas, roseiras e arbustos.

No fundo da casa um portão dava acesso à horta e ao pomar. O Sr. Mário, jardineiro, cultivava alface, couve, beterraba, cenoura e outras hortaliças.

No pomar havia laranjeiras, bananeiras, mamoeiros, mangueiras, limões e abacateiros. As crianças eram muito felizes ali, recebiam um tratamento especial. A diretora, Dona Nena, devotada, cuidava para que nada faltasse a elas e selecionava os funcionários de modo que só trabalhasse ali quem realmente gostasse de crianças. Era prioridade que todas fossem tratadas como filhos por todos. E assim transcorria o cotidiano do orfanato Santa Marta.

Naquele final da tarde o céu avermelhado anunciava o frio que viria com a madrugada.

Após o jantar todos se recolheram ao enorme salão onde assistiam TV e conversavam.

— Tia Maria? A senhora vai contar pra gente a história do Corpo Seco? — Lurdes perguntou aflita.

— De novo com isso?

— Eu não pedi antes. Foi a Aninha quem pediu...

— Eu sei, mas é a mesma coisa. Vocês precisam de Chapeuzinho Vermelho, Cinderela, história de fadas e duendes...

— Arre! — Disseram as crianças em coro

— Estamos cansadas dessas historinhas água com açúcar. Queremos a do Corpo

Seco.

— Mas por que a do Corpo Seco? Não serve a do Saci Pererê, Mula-sem-cabeça ou Lobisomem?

— Não. Tem que ser a do Corpo Seco. Queremos saber direito sobre ele, afinal, morou aqui. — Edileusa reforçou os pedidos.

— E se vocês tiverem pesadelos?

— Aí a senhora não conta mais... Mas tenho certeza que ninguém vai ter pesadelo porque o Corpo Seco é bonzinho.

— Aninha falou sorrindo.

— Que bonzinho que nada! De onde você tirou isso?

— Ele me disse.

— Psiu... Edileusa pôs a mão na boca da amiga.

— Tudo bem. Se vocês se comportarem, hoje à noite eu começo a contar a estória do Corpo Seco, mas vou avisando: não quero choradeira.

— Pode ficar tranquila, Tia Maria.

A gritaria foi geral:

— Oba! Tia Maria é uma boa companheira!

— Podem parar, sem algazarra!

O lanche da noite era uma festa! Sempre havia algo especial.

— O que é hoje? — Luiza foi a primeira a sentar à mesa.

— Suspiros... Dizem que quem come suspiros à noite, enquanto estiver comendo, não deve olhar nos olhos de alguém do sexo oposto. — Tia Maria falava em tom sério.

— Por que, Tia Maria? — Luiza imediatamente soltou no prato o suspiro que tinha na mão.

— Porque quem come suspiro à noite se apaixona pelos olhos da pessoa mais próxima...

— Que bobeira! Eu sempre comi suspiros à noite e nunca estive apaixonada. — Lurdes caiu na risada.

— Porque provavelmente você estava olhando para alguém que não estava mastigando suspiros naquele momento.

— Quer dizer que a pessoa também tem que estar comendo o suspiro? — Aninha olhou para Diogo no banco a sua frente.

— Eu não havia dito isso? — Tia Maria esboçou um sorriso...

— Não. A senhora não disse que ele tinha que comer também.

Aninha disse isso e estendeu a mão para Diogo, oferecendo um suspiro para o menino.

— Ah! Namoradinhos vão casar amanhã cedinho! — Simone iniciou a cantoria e num instante o coro foi geral.

— Parem com isso! Eu não achei graça.

Tia Maria ficou brava, pois percebeu que Aninha estava muito envergonhada. No enlevo com as crianças, Tia Maria não tinha percebido que a diretora estava ali há algum tempo ouvindo as conversas.

— Tia Maria de Deus! Lá vem a senhora de novo com suas invenções.

— Ora, Senhora Diretora! O mundo não tem graça se não rimos da desgraça.

— O quê? — Dona Nena estava de olhos arregalados.

— Deixa pra lá, criatura. Vamos, crianças! Terminem logo esses suspiros e vão escovar os dentes pra dormir.

Normalmente as meninas davam trabalho para irem para a cama, mas hoje estavam muito comportadas. Uma a uma foram vestindo os pijamas e se deitando nos beliches.

— Vá, Tia Maria, conta logo!... — Carol estava impaciente.

— Calma, menina, ainda falta a Sara.

— Não falta mais não! Estou aqui.

A menina se enfiou embaixo das cobertas rapidamente.

— Vamos lá então:



*Era uma vez um homem muito ruim que adorava maltratar a mãe.*

— Quando foi isso? — Luiza interrompeu.

— *Lá pelos anos 40.* Mas me deixem contar, senão paro e não conto mais.

— Quieta, Luiza! — Carol ralhou com a amiga. — Conta, Tia Maria, vamos ficar quietas.

— Hum! Vamos lá então:

## Capítulo I

*Seu nome era Teodoro Anunciato. Homem alto, quase dois metros de altura, magro, cabelos castanhos claros, lisos e curtos, olhos pretos como uma jabuticaba.*

*Teodorinho, como sua mãe o chamava, era considerado uma criança muito ruim. Batia nos colegas, maltratava os animais e respondia aos mais velhos. Se sua mãe chamava sua atenção, ele retrucava:*

*— Ah, mãe! Me deixa em paz!*

*O pai sempre interferia:*

*— Venha cá, peste! Esse menino está precisando levar uma surra.*

— Deixa pra lá, João... Quando crescer ele melhora. — A mãe sempre o desculpava.

A mãe se chamava Carmem da Silva Anunciato. Era uma mulher na casa dos quarenta anos, baixa, cabelos começando a ficar grisalhos, pele muito branca e olhos negros.

Teodorinho herdara da mãe os cabelos ralos e os olhos negros.

O pai se chamava João Anunciato. Era um senhor de 50 anos de idade, baixo e gordo, pele branca e olhos cor de mel. Os cabelos, já totalmente brancos, tinham uma franja na altura dos olhos.

Teodorinho foi crescendo e começou a sair com os amigos. Adorava aguardente e mulheres. Quase sempre chegava a casa ao amanhecer. Numa dessas noites, D. Carmem o esperava no portão:

— *Bebeu de novo? Vai morrer logo desse jeito!*

— *Não enche o saco!... Bebi sim, e daí? Deu um chute na perna da mãe que por pouco não caiu no chão.*

*O pai ia saindo para ver o motivo da gritaria e assistiu ao golpe que o infeliz deu na coitada.*

— *Maldito! Que Deus te castigue, infeliz! Perto de Teodorinho o pai parecia muito frágil. Ele era o oposto do filho e por isso não se atrevia a enfrentá-lo.*

— *É a pinga, João... A maldita pinga! — D. Carmem continuava desculpando o filho.*

— *Que pinga que nada! Nós devíamos tê-lo educado na surra, como meu pai fez comigo. Não lhe demos um corretivo antes, agora é tarde.*

D. Maria contava a história com tamanha atenção que nem percebeu que as crianças haviam dormido.

— Benza Deus! Como dormem meus anjinhos! Já eram 21 horas, estava na hora de ir para casa. D. Maria foi assinar o ponto com um sentimento de dever cumprido. Mais um dia que se acabava!

Já estava no jardim quando sentiu que alguém a observava. Olhou para os lados e para trás... Nada.

De repente, viu atrás de um arbusto, um vulto se mexendo.

— Quem está aí? — Ninguém respondia.

— Sai logo daí...

Tia Maria estava com as pernas bambas. Correu até o portão e já estava do lado de fora quando tomou coragem olhou novamente. Nada. Não tinha ninguém.

— Será que imaginei? Também fico contando a história do Corpo Seco, só podia dar nisso.

Foi embora correndo. Queria se afastar dali rapidamente.

Na manhã seguinte, nem bem amanheceu e as crianças já faziam fila na porta do banheiro.

— Ande logo, menino. Tem mais quatro pra tomar banho, vê se não enrola.

A monitora da manhã era responsável pelo banho das crianças que estudavam no turno matutino.

Um a um, todos iam se sentando à mesa para tomar o café.

O céu estava claro, um friozinho cortava o brilho do sol que timidamente aparecia.

De repente, a buzina insistente da Kombi escolar cortou o silêncio do refeitório.

— Vamos, vamos. A Kombi chegou.

Os monitores foram organizando uma fila e as crianças, depois de pegarem as mochilas, corriam para o portão.

— Venha, Edileusa, Aninha... Andem!

As crianças foram se acomodando no veículo enquanto o monitor ia fazendo as costumeiras recomendações:

— Simone, sai da janela. Sara, senta mais pra lá. Aninha, tira a mão do nariz.

Depois que a Kombi saía, o silêncio da casa chegava a incomodar.

A casa era ampla e por isso a necessidade de três auxiliares na faxina. Os cômodos largos, pintados num tom de azul claro, iam recebendo os primeiros raios de sol através das janelas.

No jardim, seu Mário ia regando suas plantas e flores, enquanto conversava com elas.

— Olá, Margarida, como passou a noite? Está gostando do silêncio? Aproveite que logo os pestinhas estarão de volta.

Ele não tinha sossego, pois essas flores eram as preferidas das crianças para a famosa brincadeira do bem-me-quer e mal-me-quer.

Na hora do almoço, a mesa posta, bandejas servidas, a Kombi escolar buzinou no portão.



— Venham, crianças! Façam uma fila!  
Marcos Paulo, deixe o Leonardo em paz!  
Francisco, dê a mão para o Henrique.

— A Tia Maria já chegou? — Aninha olhava em direção à porta da sala.

— Venha, menina. Você está cansada de saber que a D. Maria só chega às 13 horas.

Um a um todos foram ao banheiro lavar as mãos e se acomodar à mesa.

— Lurdes? Será que hoje a Tia Maria termina a história? — Era Aninha novamente.

— Claro! É só a gente se comportar direito.

— Teodorinho me disse que quando a Tia Maria terminar a história ele vai sair do buracão. — Aninha cochichava ao ouvido de Lurdes.

— Ei, eu quero ouvir também! — Era Edileusa muito curiosa a respeito de tudo.

— Psiu! Depois conversamos lá no jardim.

— Era Luiza que chegava atrás das três.

— Eu já disse que se os adultos pegam a gente falando nisso vão proibir as histórias de terror, lembram? — Luiza estava furiosa.

— Tudo bem... Desculpe. Estou com um zíper na boca.— Aninha fez um gesto como se fechasse o zíper.

— Sei... Vai acabar estragando tudo.

Almoçaram animadamente e finalmente quando escovavam os dentes:

— Boa tarde, meus anjinhos! — Tia Maria apareceu à porta.

— Tia Maria! Até que enfim! — Laís correu para abraçá-la.

— Sentiram minha falta?

— Muita, Tia Maria, por que a senhora não vem morar aqui com a gente? — Era Edileusa quem perguntava pela milésima vez.

— Eu já falei sobre isso... Não posso! Tia Maria tem família, marido, filhos...

— Traga eles também! — Carol completou.

— Se todos os funcionários trouxessem a família para morar aqui, as crianças teriam que sair, não teria espaço... — Tia Maria caiu na risada.

— Vai terminar a história do Corpo Seco?

— Ainda com isso menina? — Agora o tom era sério, repreendendo Aninha.

— Mas a senhora não terminou...

— Vou pensar. Ontem já imaginei coisas lá no jardim.

Tia Maria se lembrou da impressão que teve, de ter visto um vulto atrás do arbusto.

— A senhora está com medo? — Edileusa perguntou, zombeteira.

— Uma mulher do seu tamanho? — Sara ajudou a amiga e a gargalhada foi geral.

— Parem com isso! Não estou com medo nenhum. Só não quero que fiquem impressionadas.

A diretora ia entrando quando ouviu a conversa e disse:

— Parece que quem está ficando impressionada com o Corpo Seco é a Tia Maria...

— Não, digníssima diretora. Não me impressiono fácil! — Tia Maria estava envergonhada.

— Então termine a história hoje. Senão eles não param de falar sobre isso nunca!

— Está bem... Mas só porque minha chefe pediu. — Tia Maria respondeu em tom zombeteiro.

— Oba! — O coro foi geral.

— Podem parar com a algazarra. Não é noite ainda. Vão brincar no jardim.

Foi uma correria geral. As oito meninas se sentaram perto do arbusto que tanto assustara Tia Maria.

— Ei, Edileusa? — Aninha estava ansiosa.

— O que foi, menina?

— Você acha que ele vem hoje?

— Não sei... Acho que sim. Vê se não vai gritar como da outra vez.

— Mas ele é tão feio! — Aninha estava quase chorando.

— De novo com isso? — Lurdes estava brava com as duas.

— Eu não disse nada. Foi a Aninha. — Edileusa estava com medo que a amiga contasse o que ouvira a Tia Maria.

— Eu já avisei a vocês duas. Se não pararem com essa história eu conto tudo pra diretora.

— Mas é verdade, Lurdes... Eu ouvi o Corpo Seco, até falei com ele. — Aninha estava convicta do que dizia.

— E você, Edileusa? Ouviu também?

— Eu não! Mas acredito na Aninha.

Edileusa e Aninha sempre foram muito unidas.

— Quero ouvir de novo, então conte.

— Não vai ficar brava? — Aninha estava com os olhos molhados.

— Ande, menina... Quando foi que falou com Teodorinho?

Lurdes fez um gesto de descaso, como se duvidasse da amiga.

— No domingo. Sentamos aqui e vocês foram para o pomar, lembra?

— Sim, claro. Você não quis ir, sua medrosa!

Elas costumavam entrar escondida no pomar, pois a diretora não permitia. As crianças adoravam arrancar as frutas antes que amadurecessem.

— Fiquei sentada bem aqui e de repente...

— Já sei... — interrompeu Edileusa. — O arbusto se mexeu e você deu um enorme

grito...

— Deixe ela contar. — Pediu Lurdes.

- Isso mesmo e quando eu ia correr, ouvi a voz.

— Ouviu a voz do Corpo Seco? — Lurdes ria muito.

— Não ria de mim... A voz disse que eu não tivesse medo. Que ele não faria mal a mim, nem a ninguém aqui do orfanato.

— E como sabe que era o Corpo Seco? — Lurdes ficara séria.

— Ele disse que era pra eu pedir pra Tia Maria contar a história do Corpo Seco pra gente. Que só ela sabia da verdadeira história dele.

— E você acreditou? Pelo menos viu a cara dele?



— Não. Ele me disse para não olhar atrás do arbusto. Que era muito feio e que se eu olhasse iria desmaiar.

— Ora, ora... Algum menino brincou com você, sua tonta.— Lurdes estava rindo novamente.

— E o vulto que a Tia Maria viu? — Edileusa interveio.

— Ora, o jardim está cheio de tatus. Eles saem à noite e ela confundiu. Vocês sabem, a Tia Maria é muito medrosa. — Lurdes tinha resposta para tudo.

— Ei, não terminei de contar. — Falou Aninha.

— Anda, continue... — Edileusa não queria desapontar a amiga.

— Ele disse que estava num buraco bem fundo, cheio de tatus e que não queria

mais ser mau. Disse que já pedira perdão à mãe, mas que ela tinha lhe incumbido de uma missão.

— Xi... Lá vêm mentiras... — Lurdes agora debochava.

— Não é mentira! — Aninha ficou irritada com a amiga.

— Vai então, termine. Que missão é essa?

— Bem, a mãe dele disse que ele ia ter que passar a história adiante para que servisse de exemplo. Para que as crianças respeitassem suas mães.

— Ora, que bobeira! Aqui no orfanato ninguém tem mãe! Só se maltratássemos as paredes!

— Quem sabe ele não quis dizer pra gente não ter raiva das nossas mãezinhas por nos largarem aqui? — Edileusa completou.

— Ora, sua tonta! Aqui ninguém tem mãe. São todos filhos de chocadeira!

Lurdes saiu, revoltada. Ela sentia muita falta da mãe e cultivava uma mágoa profunda por ter sido abandonada.

— Por que a Lurdes não gosta da mãe dela? — Aninha estava sem entender.

— Ela gosta sim. Ela só tem saudade e por isso fica revoltada. — Edileusa justificava a amiga.

- Eu amo a minha mãe. Sei que um a dia ela vem me buscar.

— Claro que vem. Ela deve estar sem trabalho e logo que arrumar um, vem correndo.

Edileusa ficava triste em ver as amigas assim. Ela mesma sabia que nunca mais veria sua mãe. Morava ali desde bebê e

Ihe contaram que sua mãe havia morrido no parto.

— Você quer que eu te leve comigo quando minha mãe vier? — Aninha estava apavorada só em pensar na separação das duas.

— A sua mãe não ia querer...

— Eu falo com ela. Juro! Se você não for comigo, eu também não vou.

— Não fale besteiras. Você tem que ir com sua mãe mesmo que ela não queira me levar. — Edileusa tentava dar bons conselhos à amiga.

— Não! Só se você for!

— Lembre-se do Corpo Seco! Devemos amar e respeitar nossas mães.

— Tenho certeza que ela vai deixar você ir com a gente. — Aninha não aceitava a

idéia de não ver mais a amiga.

Aninha era visitada mensalmente por sua mãe. A mulher estava se recuperando admiravelmente do alcoolismo e já estava trabalhando. Faltavam os últimos acordos com o Juiz para levar a filha.

Edileusa realmente era órfã. Algumas vezes apareciam casais querendo adotá-la, mas sempre acontecia algo que atrapalhava. Ou a menina não se adaptava ao novo lar ou os novos pais desistiam por achar que o gênio da menina era forte demais. No fundo a menina tinha medo de se separar de todos ali, pois era sua casa desde bebê.

Lurdes era irmã de Carlos, um bebê que fora adotado logo nos primeiros dias de sua chegada. Ao contrário das duas, tinham chegado ali no ano passado. A

mãe, que os levou, desistiu da guarda dos dois para se casar com um homem que não gostava de crianças. Triste realidade! Lurdes não conseguia perdoar a mãe por tê-la separado de seu irmãozinho.

— Edileusa, Aninha... Venham. Está na hora do lanche. — Chamou a monitora.

— Nossa, o tempo voou. — Edileusa se levantou e saiu correndo.

— Espere por mim! — Aninha não queria ficar ali sozinha.

— *Aninha, escute...*

Era uma voz que vinha da moita. Aninha ficou paralisada.

— Quem é?

— *Eu...*

— Vá embora...

— *A história. Vocês precisam ouvir a minha história.*

— A Tia Maria já está contando... Eu tenho que ir.

— ***Espere!*** — A voz parecia ordenar que ficasse.

— Por que eu? Por que não fala com as outras meninas?

— *Suas amiguinhas são muito chatas. Você é como eu.*

— Eu não sou como você! Eu nunca xinguei minha mãe.

— ***Nem em pensamento? Eu leio seus pensamentos.***

— Me deixe em paz!... Tia Maria está contando sua história de noite...

— ***Adultos! Arre... Não gosto deles! E essa tal Maria... Não suporto!***

— Ela é tão boazinha!

— *Falo com você porque você perdoou sua mãe. Eu não consigo perdoar a minha.*

— Como? Pensei que fosse sua mãe que tivesse que perdoar você.

— *Deixa pra lá, menina boba. Isso é outra história.*

— A Tia Maria vai terminar de contar hoje. Agora me deixe em paz!

Aninha saiu em disparada e entrou no refeitório, branca feito cera.

— O que foi, menina? Parece que viu um fantasma!

—É o Corpo...

— Psiu... — Edileusa fez um gesto para que parasse.



— Digo... É de fome. Estou morta de fome!

— Venha então, filha de Deus! Sente e coma tudo.

À noite, todas esperavam, ansiosamente, pela narração sobre o Corpo Seco. Já haviam deitado e nada de Tia Maria.

— Lurdes, vá ver onde está Tia Maria. —  
Luiza cobria os menores no beliche.

Lurdes saiu até o corredor e deparou com Tia Maria numa discussão com Lucas José.

— Vamos, menino. Deixe-me ver.

— Não tem piolho, Tia Maria.

— Tem sim. Deixa-me ver. — Tia Maria mexia no cabelo do menino com insistência.

— Ai! Que dor!

— Ah! Menino frouxo! Não vê que preciso limpar sua cabeça?

— Mas dói!

Lucas José estava transtornado.

— Dói nada!

— Deixa isso pra lá. Não é a senhora que cuida dos meninos. — Disse o menino.

— Mas fui eu que vi, ora essa! Depois eu vou embora, com a graça de Deus, sem me preocupar com nenhum piolho.

— Tia Maria. — Lurdes decidiu mostrar que estava ali.

— O que foi, menina? Não dormiu ainda?

— Estávamos esperando a senhora.

— Ah! Maldito! Peguei-te!

Tia Maria apertava o piolho contra as unhas.

— Agora vá, menino.

Lucas José saiu correndo para seu alojamento.

— Vamos.

As crianças estavam numa algazarra geral. Travesseiros eram arremessados uns contra os outros.

— Criaturas de Deus! Parem! Não podem ficar um minuto sozinhas?

As crianças estavam envergonhadas, tinham sido pegas bem no meio de uma guerra de travesseiros.

— Tia Maria, a senhora está muito brava?

— Era Aninha.

— O que você acha? — Tia Maria estava de cara feia.

— Desculpe a gente... Afinal somos só

crianças. — Tia Maria amoleceu.

— Vai contar a história agora?

— Psiu! Vou contar sim. Mas só porque a Senhora Diretora pediu. Agora andem, deitem!

— Oba! — Todas deitaram ao mesmo tempo.

— Onde foi que parei mesmo?

— Teodorinho deu um chute na mãe. — Edileusa respondeu.

— Claro. A mãe estava sempre desculpando o maldito! Tia Maria fez um gesto de contrariedade.

— Tia Maria, por que ele não gostava da mãe dele?

— Eu acho que ele gostava sim. É que tinha alguma mágoa escondida. Bem, logo eu chego lá. Nada justifica maltratar a mãe!

— Conta, Tia Maria! — Carol estava impaciente.

— Vamos lá então:

## Capítulo II

*A mãe de Teodorinho sempre desculpava as más criações do filho. Para ele já se tornara um hábito chegar de madrugada bêbado, fazendo algazarra. Numa dessas noites arrancou a sela do cavalo e a carregou para dentro da casa. Jogou-a no chão da cozinha e bateu com força na mesa.*

*— Tem comida nessa casa? Eu estou com fome! — Gritou para que sua mãe ouvisse do quarto.*

*Como era de costume, D. Carmen ainda não dormira e rapidamente surgiu à porta.*

— *Bêbado de novo, meu filho? Quando isso vai acabar?*

— *Cale a boca, sua velha, e arrume algo pra matar minha fome!*

— *E essa sela? Por que a trouxe para dentro de casa? — D. Carmem pegou a sela e saiu porta afora em direção ao galpão onde ficava o cavalo.*

— *Volte aqui, sua intrometida... Me devolva essa sela! — Pegou a sela e se dirigiu ao cavalo que estava na cocheira.*

*Com muita dificuldade devido à embriaguez, Teodorinho começou a selar o animal.*

— *Vou voltar pra esbórnea. Lá pelo menos tem o que comer.*

*D. Carmem, irritada, tomou novamente a sela e a jogou num canto.*

— Não vai a lugar nenhum tonto desse jeito.

Teodorinho ficou furioso, olhos faiscando, mãos apertadas:

— Sua velha! Pensa que manda, não é? Pois vai ver uma coisa.

Ele pegou a sela e se dirigiu à mãe. Deu-lhe um empurrão e D. Carmem desabou no chão com força. Ele jogou a sela em suas costas e sentou-se sobre ela como se estivesse cavalgando.

— Vai, sua burra velha! Se não posso ir com o cavalo, vou com você mesmo. — Disse isso e chicoteou as pernas da mãe.

Seu João saiu da cozinha nesse instante, seguindo os gritos da mulher e olhou espantado, branco de pavor.



— *Largue ela, seu demônio!* — Jogou a própria bota em direção ao filho que saltou imediatamente de cima da mãe.

— *Está bem, mulher? Venha.* — Seu João Carregou D. Carmem para dentro da casa. Teodoro finalmente selou o animal e saiu madrugada afora.

*Daquele dia em diante, Teodoro começou a adoecer. Emagrecia a olhos vistos. Não tinha apetite e quando comia, vomitava tudo.*

*Ele cheirava mal, os olhos fundos pareciam apagados. No rosto transparecia duas olheiras profundas. Emagrecia tanto que os ossos começaram a marcar a pele já totalmente sem carne. Parecia um morto-vivo. Não andava mais, arrastava-se. Não falava, gemia e babava.*

— *João de Deus! Veja em que nosso filho se transformou!*— *D. Carmem chorava.*

— *Foi castigo. Não se bate na mãe. Eu sabia que não ia acabar bem.*

— *Não diga isso! Ele está doente.*

— *Não sei o que é pior, ele assim ou como era antes. Acho que preferiria ver ele morto.*

— *Feche a boca, homem! Não diga besteira!*

*Fizeram um quarto, isolado do resto da casa e Teodorinho ficava lá o tempo todo. A mãe era a única a entrar no quarto.*

Tia Maria olhou em volta e novamente viu seus anjinhos dormindo profundamente.

— *Ah! Meu bom Deus... Abençoe o sono dessas pequeninas. Que elas sonhem com um lar decente, com uma família. E que os*

sonhos se tornem realidade.

Cobriu-as e foi para a sala assinar o ponto, estava na hora de ir.

Já no jardim, lembrou do outro dia e correu os olhos até o arbusto. Um galho se mexeu e Tia Maria gritou:

— Aparece, coisa ruim! Sai daí se for homem.

Disse isso e foi saindo até o portão principal. Depois de sair e trancar o portão, olhou na direção da casa:

Um homem baixo, cabelos grisalhos e olhos brilhantes, a olhava fixamente.

— Será o Benedito? Quer dizer, o Teodorinho? Esfregou os olhos e, olhando novamente, não viu mais nada.

— Sumiu... Deus do céu! Será que o homem tá bravo por eu contar sua história

toda noite?

— Não, não pode ser. Teodorinho era alto. Esse homem é baixinho.

D. Maria virou a esquina e tentou esquecer o que vira.

Era domingo e o dia amanheceu lindo, com um céu azul denunciando o calor que viria à tarde.

Era dia de visitas e as crianças acordavam cedo, ansiosas para ver se alguém as visitaria. Normalmente alguns pais que se reabilitavam visitavam periodicamente seus filhos. Outros eram casais dispostos a adotar uma criança. Geralmente queriam bebês e os mais velhos iam ficando de lado, esquecidos. Raramente aparecia alguém disposto a adotar uma criança maior.

— Aninha, sua mãe chegou. — Edileusa sempre dava a boa notícia à amiga.

Os pais ficavam no jardim e logo vinham as crianças.

Nesse domingo vieram: D Isabel, a mãe de Aninha, Ronaldo, o tio de Carol, Hamilton, o irmão mais velho de Diogo e D. Célia, a avó de Laís.

Veio também um casal interessado em adotar Edileusa e outro para escolher uma criança.

— Mãe! — Aninha correu abraçar a mãe, cheia de saudades.

— Olá, minha pequena, se comportou direito?

— Sim, mamãe. Quando eu vou embora? Vai me levar hoje?

— Gostaria muito, minha filha, mas o juiz acha que ainda não está na hora.

— Por quê? Você bebeu de novo mamãe?

— Não! Juro que nunca mais coloquei uma gota de álcool na boca!

— Então por quê? — Aninha estava com os olhos úmidos.

— Porque eu ainda não aluguei uma casa pra gente morar. Ainda não achei uma que eu possa pagar.

— É muito caro, mamãe?

— É sim, filha, mas não se preocupe. Vou achar uma e aí esse juiz não vai mais poder separar a gente.

— Pede pra Tia Maria te ajudar, ela conhece todo mundo nessa cidade! Ela disse que conhece o Delegado, o Prefeito e o Padre. Disse que, numa cidade, se

— você conhece o Delegado, o Prefeito e o Padre, então, você conhece todo mundo.

— Engraçadinha! Tá ficando muito espirituosa!

— É verdade, mamãe... É a Tia Maria que ensina isso pra gente.

— E você respeita a Tia Maria?

— Claro! Respeito você também, mamãe.

— A mãe a abraçou sorrindo.

— Amo você, minha filha.

— Quem me ensinou a respeitar as mães foi o Teodorinho.

— Quem? É um menino?

— Não. É o Corpo Seco. Ele não respeitava a mãe e por isso virou um Corpo Seco.

— Pare com essas histórias, Aninha!

— É verdade! A Tia Maria é quem está contando história pra gente dormir.

— Que mau gosto! Isso lá é história que se conta pra dormir?

— Qualquer história é boa se ensinar algo pra gente.

A mãe ficou envergonhada com a afirmação da filha.

— Um dia vou contar muitas historinhas pra você dormir.

— Quando você me levar, vai deixar a Edileusa ir também?

— Não, meu amor. A Edileusa vai arranjar uma família pra ela e vai ser muito feliz.

— Por que não podemos adotar ela?



— Porque temos muito pouco pra nós duas. Como dar a ela o que precisa para viver?

— Ela não se importa com isso. Queremos ficar juntas.

— Você não disse que aprendeu a respeitar a mãe? Respeite a minha decisão. Eu faço o que é melhor para você.

— Se fizesse o melhor para mim eu não estaria aqui... — Aninha saiu correndo em direção a casa.

— Aninha! Volte aqui, filha!

A diretora havia escutado a conversa e acalmou a mulher.

— Não se preocupe, eu falo com ela. Você fez o que tinha que fazer, não podia dar esperanças a ela.

— Diga que eu a amo e que deixei um beijo.

— Não se preocupe. Direi. Agora vá.

A mulher foi embora, cabeça baixa e olhos marejados de lágrimas.

D. Isabel já estava no portão quando ouviu:

— ***Sem vergonha! Vocês são todas iguais.***

— O quê? — Olhou em volta e não viu ninguém. A voz vinha do arbusto.

— Quem está aí? Sai daí, seu pestinha! — A mulher pensou que fosse um dos meninos do orfanato.

Andou em volta do arbusto, mas não tinha ninguém. Por alguns instantes olhou em direção a casa e por fim foi embora.

Se olhasse para cima veria o perfil magro e demoníaco do Corpo Seco na janela do sótão.

Aninha foi se refugiar no quarto e Lurdes foi atrás.

— Por que o choro? Sua mãe não quis levá-la embora?

— Não é isso...

— Ora, vocês levam muito a serio essa coisa de "mãe"! No fundo é melhor sem elas!

— Não diga isso! Amo minha mamãe!

— Então por que ela não a leva de uma vez?

— Vai me levar logo. Está procurando uma casa pra gente morar.

— Então por que o choro?

— Ela não quer levar a Edileusa também.

— Ora, sua tonta! A Edileusa vai ser adotada. Olhe aqui, ande!

As meninas se dirigiram à janela que dava para o jardim onde estava o casal que ia adotar Edileusa.

Edileusa corria de um lado para o outro e o casal com muito custo acompanhava o ritmo da menina.

— Nossa! Você é elétrica! Pare, vamos descansar.

— Vocês estão enferrujados. — Riu Edileusa e abraçou a mulher como se fosse velha amiga.

— Você gosta de mim, Edileusa? Eu já amo você com toda a força do meu coração.

— Vai me levar daqui? — A menina ficou séria.

— Só se você quiser ir. Quer morar com a gente?

— Vai ser minha mãe? E você vai ser meu pai?

— Como você quiser. Eu gostaria muito de levá-la como minha filha. — Era o homem quem respondera. — E você, quer?

— Prometo que vou pensar. — A menina parecia feliz.

— Não me respondeu. Gosta da gente? — A mulher estava ansiosa.

— Sim. Mas tenho medo que me esqueçam e não voltem mais aqui.

— Não se preocupe. Não vamos abandoná-la. Vamos levá-la para sua nova casa.

— Então eu quero sim! Agora venham, vamos brincar.

A menina correu em direção aos canteiros do jardim.

— Calma! Espere por mim. A mulher saiu em disparada, pois não queria desagradar a menina.

O último que chegar é mulher do padre! — Edileusa estava muito feliz.

Aninha e Lurdes observavam tudo da janela.

— Viu, sua tonta? Edileusa está feliz. Depois que saírem daqui, poderão continuar amigas.

Aninha não respondeu, mas seu coração tinha se acalmado.

À noite, Tia Maria estava remendando o pijama de Lucas José, quando Carol a interrogou:

— Tia Maria, a senhora agora cuida dos meninos?

— Ora, sua atrevida! Eu cuido de quem precisar de mim.

— Desculpe. É que estamos esperando pela história e a senhora está demorando muito.

— Vá se deitar. Já, já, eu vou... Fedelha! Até parece que nasceu para ditar ordens! Tia Maria parecia aborrecida. Terminou a costura e se dirigiu ao quarto.

— Boa noite para todas. Já vou avisando que não vou contar a história do Corpo Seco.

— Não? — A gritaria foi geral.

— Mas a senhora não terminou ainda...

— Nem vou terminar... A alma do coitado deu para me perseguir agora.

A diretora ia entrando quando ouviu a última frase e perguntou espantada:

— A alma de quem?

— Do Corpo Seco. — Lurdes foi quem respondeu.

— Tia Maria está se pelando de medo do Corpo Seco. — Edileusa não parava de rir.

— Podem rir à vontade, mas na hora de ir embora eu é que tenho que topa com a alma penada do maldito lá no jardim.

— Tia Maria, que história é essa? A senhora sabe que não gosto que assuste as crianças. — A diretora ficou séria.

— Assustar essas pestinhas é mais difícil que chover canivete. Tudo bem, se for uma ordem, eu estou aqui para obedecer mesmo.

— Não diga asneira. Só não acho certo dizer que viu alma penada. E também se começou com isso, agora vá até o fim.



— E se eu tiver um enfarte lá no jardim?

— Não se preocupe, eu mesma acompanho a senhora hoje. Depois vou ver se combino com algum funcionário para acompanhá-la nos outros dias. Está bem assim?

— Está ótimo. Se não, denuncio a senhora diretora por tortura psicológica!

— Ah! Vai logo. Termine logo a história, mulher! — Ela saiu do quarto a passos largos.

— Vamos lá então, suas pestinhas!  
Conseguiram novamente. Onde paramos?

— Teodoro estava num quarto longe da casa e só sua mãe entrava lá. Era Luiza quem lembrava. O que ele comia, Tia Maria?

— Eu já vou chegar nisso. Agora escutem:

## Capítulo III

*Todos tinham medo do Corpo Seco. A única pessoa que entrava em seu quarto era D. Carmem para levar sua comida.*

*Um dia, ao perceber que Teodorinho não tocara no prato que levava na hora do almoço, D. Carmem comentou com João.*

*— Acho que ele piorou, não tocou no almoço e nas frutas do café da manhã... Estavam todas lá.*

*— E Teodorinho?*

*— Não vi. Devia estar no banheiro. Vou voltar lá daqui a pouco para ver.*

*Quando D. Carmem retornou ao quarto não viu Teodorinho.*

*— Está aí, meu filho? Bateu na porta do banheiro. Como ninguém respondeu, ela forçou o trinco e percebeu que estava destrancada.*

*— Com licença. Nossa! João! Venha aqui. João entrou porta adentro correndo.*

*— O que foi, mulher? Onde está nosso filho?*

*— Não sei! Sumiu!*

*— Como sumiu?*

*— Pensei que estivesse no banheiro, só agora percebi que saiu. Por isso não tocou na comida...*

*— Calma! Se saiu é bom sinal. Quem está muito doente não anda, não é?*

— *Vá até o estábulo. Veja se ele usou o cavalo. João saiu às pressas para fazer o que a mulher pediu quando Pedro, o rapaz que cuidava da horta, falou:*

— *Procurando o Teodorinho? Não adianta, não vai achá-lo por aí.*

— *Você o viu? João parecia ansioso.*

— *Cruz credo! Eu não. Meu pai disse que viu seu filho se arrastando para o pomar à noite. Vou logo avisando, se ele começar a sair por aí, eu não vou mais trabalhar para o senhor.*

— *Não diga besteiras! Ele é um rapaz doente, não poderia fazer mal a uma mosca.*

— *Sei. Então é melhor o senhor averiguar quem comeu a galinha Zefa.*

— Zefa sumiu? — João levou um susto!  
Zefa era a galinha de estimação de D.Carmem.

— Só sobraram as penas e muito sangue...

— Minha Nossa Senhora! — João se dirigiu ao galinheiro.

O chão estava coberto de penas e sangue. Ele não tinha dúvidas, eram as penas da Zefa. D. Carmem iria ficar arrasada!

- Pedro, quero que limpe logo isso tudo! E não conte a ninguém o que viu, certo?

— Claro, seu João. O que vai dizer pra D. Carmem?

— Direi que o galinheiro amanheceu aberto e que Zefa fugiu. Sentirá bem menos se ficar em dúvida.

— E o seu filho? Se fez isso com a galinha, pode muito bem querer comer gente.

— Não diga besteiras. Ele só pegou a Zefa porque era a galinha preferida da mãe! Ele odeia a mãe!

— Nossa! Nunca vi algo igual! Odiar a própria mãe...

— Não fale do que você não sabe. E agora vá trabalhar!

João rumou em direção ao pomar. As árvores estavam carregadas de frutas. Percorreu quase que todo o pomar e depois voltou para dentro de casa.

D. Carmem o esperava, ansiosa.

— Achou Teodorinho?

— Não. Mas não se preocupe. Ele foi visto à noite na direção do pomar. Deve estar por lá, é tão grande.

— Não foi ver?

— De longe. — João mentiu para acalmar a mulher. — Só de longe, não vou perder meu tempo com ele.

— Eu vou procurá-lo. — D. Carmem se dirigia à porta de saída quando percebeu que a porta do quarto do filho se fechara.

— É ele! Acabou de chegar. Vou lá.

— Deixe, mulher. Fique aqui que eu vou ver. — João estava com medo que Teodorinho estivesse com a galinha morta.

João entrou no quarto e viu seu filho jogado na cama. Estava todo sujo de sangue e parecia muito cansado. Roncava o infeliz, e do canto de sua boca saía uma gosma amarela.

— Teodorinho? Está bem?

O rapaz virou para a parede como se não ouvisse o pai.



— Maldito! Quando vai partir e deixar a gente em paz? — O pai parecia não aceitar mais o rapaz como filho.

De volta à cozinha disse:

— Ele dorme como um porco!

— Falou com ele? Por que não comeu o almoço?

— Encheu a barriga de frutas lá do pomar e agora foi dormir. E você se preocupando com ele! Quando vai perceber que aquele que está ali não é nosso filho?

— Não diga besteiras, João! Deus castiga!

— E não é verdade? Essa situação já é um castigo, não acha?

A mulher saiu correndo e foi se trancar no quarto.

— Carmem... Desculpe-me. Abra! — João batia aflito na porta.

—Vá embora! Preciso ficar sozinha.

*D. Carmem não conseguia aceitar aquela situação.*

— Por que estou passando por isso? O que fiz para merecer isso, meu Deus? Criei ele com tanto amor. Por que ele não gosta de mim? Por que adoeceu assim?

*D. Carmem dormiu em meio a tantas perguntas sem resposta.*

*Teodorinho gostava de fugir para o pomar. Ele saía durante a noite e devorava as árvores frutíferas. Escolhia as preferidas de sua mãe. A jabuticabeira, a mangueira... Toda noite devorava uma.*

*Os pássaros pareciam ter medo dele. Onde ele estava não ficava uma mosca! Teodoro comia frutas, folhas... O que estivesse pela frente. Fazia as*

*necessidades fisiológicas ali mesmo e nem se preocupava em se limpar. Era uma aberração! Parecia um zumbi!*

*Um dia, acostumado ao pomar, não voltou mais para o quarto.*

*Podia chover ou fazer sol que lá estava Teodorinho agarrado a uma árvore.*

*— Deus me livre! Sai capeta!*

*Era Pedro que o avistara no portão do pomar.*

*Pedro nunca mais aceitou entrar lá. As ervas daninhas cresciam a olhos vistos.*

*Era uma judiação: mato alto, árvores peladas, frutas podres pelo chão...*

*— Carmem, nosso filho nunca mais saiu do pomar. Podemos usar o quarto dele como depósito. Não tenho onde guardar minhas ferramentas.*

— Não! O quarto do Teodorinho vai ficar do jeito que está.

A mulher ainda achava que o filho ia voltar arrependido. Não conseguia aceitar a situação.

— Acorde, mulher. Aquele monstro lá não é nosso Teodorinho! Nosso filho se foi!

— Não diga isso! Se falar isso de novo nunca mais falo com você!

— Tudo bem, me desculpe. — João não sabia mais o que fazer para ajudar a mulher.

D. Maria olhou o relógio e levou um susto!

— Nossa! Perdi a noção do tempo.

— Tenho que ir, meus anjos.

— Ah! Agora que estava tão boa a história? — Era Aninha.

— Ainda acordada, minha pequena? Me dá um beijo.

Tia Maria se debruçou e beijou a testa da menina.

— Durma com Deus. Tia Maria te ama muito e amanhã conta o resto da história, está bem?

— Tá... Tchau, Tia Maria. — Aninha bocejou e virou para o canto.

Tia Maria saiu às pressas e nem se lembrou de chamar a diretora para acompanhá-la.

Já no jardim lembrou-se da assombração na moita e disse:

— Ora, ora, seu fantasma de araque! Hoje estou atrasada, então não me venha com gracinhas! Se for aparecer, apareça logo! Foi saindo e quando estava na rua olhou em direção a casa, sem saber que dois olhos atentos vigiavam seus passos. Era um vulto de homem, o mesmo que a mulher tinha visto na outra noite.

Ele andou em direção à horta e desapareceu na escuridão da noite.

— Ora, vejam só... Nenhum fantasma hoje! Virou a esquina em direção à sua casa.

O dia amanheceu chuvoso. Através da janela dava pra ver as goteiras na área da frente da casa.

— Precisamos urgente de alguém para consertar o telhado. — A diretora olhava com certa melancolia a água que escorria

pela parede.

— Quer que eu suba lá e conserte?

Era Diogo, sempre com uma disposição enorme em ajudar. Um verdadeiro homenzinho!

— Não se preocupe, filho. Depois que a chuva passar pedirei ao Sr. Mário que arrume.

— Depois que a chuva passar não precisa mais...

— Precisa sim! Para a próxima chuva não molhar a parede. Já tomou café? E os outros meninos já levantaram?

— Quando saí do alojamento estavam dormindo.

— Então você caiu da cama? O que houve?

— Acordei com saudade da minha irmã. Querida que ela viesse me buscar logo.

— Ela virá, não se preocupe. Agora vamos tomar café.

Diogo tinha perdido a mãe para as drogas e o pai cumpria pena num presídio por assassinato. A irmã nunca teve condições de criá-lo, mas agora, com o casamento recente, estava prestes a pegar a sua guarda novamente. Diogo merecia um lar de verdade, aliás, todas as crianças mereciam.

— Lurdes, depois do café venha até a minha sala. — Chamou a diretora.

— O que eu fiz dessa vez? — Quando a diretora a chamava para uma conversa era sempre para uma advertência sobre seu comportamento.



— Não pode ser uma notícia boa? — A diretora deu um sorriso misterioso.

— Aqui nessa prisão? Notícias boas aqui, só se um terremoto demolisse tudo.

— Pare de ser mal humorada e venha até minha sala após o café.

Lurdes não conseguiu mais engolir a fatia do pão de centeio com geléia. Deixou tudo no prato e levantou-se.

— Não vai terminar? — Era Luiza. — Posso pegar seu pão?

— Nossa! Até parece que passa fome! Coma tudo, sua gulosa!

E dirigiu-se à sala da diretoria.

— Com licença...

— Entre, menina. Venha, sente-se logo.

Lurdes estava nervosa. Alguma coisa no ar a deixava intrigada.

— Se não é castigo, o que é então?

— Você não tem vontade de sair daqui? De ter uma família?

— Eu não tenho família.

Era um assunto difícil para a menina.

— Eu sei que você não gosta de falar no passado, mas e no futuro? Uma família nova, uma casa...

— Ora, Sra. diretora. A senhora sabe muito bem que na minha idade é difícil. Ninguém quer uma criança de 13 anos de idade.

— Sei que é raro. Só que muitas vezes milagres acontecem.

— Sei... Eles te levam e uma semana depois te devolvem como um saco de batatas, com uma desculpa qualquer. —

Lurdes já tinha passado por isso.

— Eu sei que é difícil e dolorido. Mas a gente tem que tentar, você não vai poder ficar aqui o resto de sua vida.

— Tem gente me querendo?

A menina esboçou um sorriso.

— Não. Vou ser bem franca. Tem um casal que prefere uma menina maior, para que sirva de companhia para a mulher que fica muito sozinha em casa. Parece que o marido viaja.

— Uma espécie de acompanhante, que seja de graça.

— Não seja petulante! Uma filha que seja companheira de sua mãe enquanto seu pai viaja e não é de graça! Uma filha custa bem mais caro do que uma empregada.

— Não se preocupe. Eu vou sim. Tenho que aceitar as migalhas afinal, é só o que tenho.

— Seja paciente, abra seu coração e deixe os ressentimentos de lado. Talvez não tenha mais uma chance assim.

— Pode deixar. Quando eu vou?

— Daqui a pouco. É o tempo de arrumar a mala. Vai ficar uma semana, depois veremos.

Lurdes saiu da sala com as pernas bambas.

Uma família! Deus! Será que gostariam dela? Nunca pensou na possibilidade desde a vez que foi com uma família para passar o mês e devolveram dois dias depois. Na época tinha 10 anos.

— Está pronta?

A monitora chegou à porta do alojamento para buscar a menina.

— Não posso me despedir das meninas? Elas já devem estar chegando da escola.

— Você conhece as normas, nada de despedidas. E depois as meninas só retornam daqui duas horas.

— Vamos, menina, o futuro te espera!

No jardim estava uma senhora muito bem vestida, olhos e cabelos castanhos, brincos e colar de pérolas.

— Venha. Você deve ser Lurdes. Sou Margarida. Vamos nos dar muito bem, tenho certeza.

— Seu marido não veio?

— Não, minha querida! Ficou em casa terminando de arrumar seu quarto.

— Meu quarto? Só meu?

— Sim. Um quarto só seu. Arrumei-o do meu jeito. Jorge está pintando as janelas. Se não gostar da cor ou dos móveis a gente troca tudo.

— Nossa, eu vou adorar! Espero!

Saíram em direção à rua. Da esquina a menina deu uma última olhada para o velho casarão, poderia ser a última vez que o veria.

Mais tarde, a Kombi escolar estacionava e um turbilhão de vozes e risadas quebrou o silêncio da casa.

— Calma, crianças, sem correria!

A monitora não conseguia controlar a algazarra.

— Vamos organizar a fila. Edileusa, Aninha, parem de correr! Lucas José! Pare

de mexer com o Diogo.

No jardim, o Sr. Mario repetia a frase de sempre.

— Cuidado com minhas florzinhas! Lá vêm os pestinhas.

O dia transcorreu normalmente e no início da noite é que deram falta da Lurdes.

— Tia Maria? — Era Diogo.

— Fala, meu anjo.

— A Lurdes foi embora?

— Parece.

— Foi adotada? — Carol perguntou e todos olharam em direção à mulher.

— Não sei. Ninguém me diz nada aqui nesse lugar. — Disse isso olhando para a diretora que passava pela sala.

— Ora, ora. Lurdes foi passear e volta daqui a uma semana.

— Com quem? A mãe dela voltou? — Era Aninha agora.

— Não sei de que mãe está falando! Não conheço a mãe de Lurdes.

— Ah! Já vi que foi adotada mesmo! — Era Diogo que deduzia depois da resposta da diretora.

— Tia Maria, a Lurdes vai ficar sem saber como termina a história do Corpo Seco. Sara parecia preocupada.

— Depois eu conto pra ela. Ou melhor, vocês contam. Agora vamos escovar os dentes e assistir televisão.

Chegou finalmente a hora que tanto esperavam, de ir dormir para ouvir o resto da narrativa de Tia Maria.



— Tia Maria?

— Fala, Laís.

— A senhora viu o fantasma do Teodorinho ontem no jardim?

— Não, graças a Deus!

— Acha que ele foi embora daqui? — Aninha estava com um ar misterioso.

— Acho que ele nunca esteve aqui. Foi minha imaginação que me pregou uma peça.

— Não foi imaginação, eu já o vi atrás da moita no jardim. — Aninha deixou escapar e Edileusa a fuzilou com os olhos.

— Já viu? Que história é essa?

— Nada, não. É brincadeira. — Aninha estava atrapalhada.

— Eu ouvi muito bem. Você viu o Teodorinho? Ande menina, fale logo.

— Ela andou ouvindo umas vozes atrás da moita e disse que era do Corpo Seco.

— Provavelmente eram os meninos brincando com ela. — Edileusa se apressou em explicar.

— Ah! Claro! Deve ser mesmo... Mas se vocês estão ficando impressionadas eu não conto mais.

— Não! Não é nada disso. Não estamos com medo. Foi só uma brincadeira dos meninos. Não é, Aninha? — Edileusa piscou para a menina.

— Claro. Foi uma brincadeira de mau gosto. — Aninha confirmou a desculpa da amiga.

— Tia Maria, por que Teodorinho odiava a mãe? — Era Luiza tentando desviar o assunto.

— Ora, logo vou chegar a essa parte. Agora andem e vão escovar os dentes. Todas as meninas correram, pois queriam ouvir a historinha. Alguns minutos depois...

— Onde paramos?

— Teodorinho morava no pomar agora. — Luiza respondeu.

— Ok, lembrei. Vamos lá então...

## Capítulo IV

*Teodorinho não voltou mais para casa, seu lar agora era o pomar.*

*Anos se passaram e D. Carmem adoeceu com complicações da diabete.*

*— João, você não tem visto nosso filho?*

*— Continua lá no pomar. Agora descanse, você precisa dormir um pouco.*

*— Não... Preciso ver meu filho! Você tem que me levar lá.*

*— Tá maluca, mulher! Naquele matagal não entra mais nem passarinho!*

*— Preciso falar com ele... Você tem que me ajudar. — Insistiu tanto que João não*

*teve como negar, levou a mulher ao pomar.*

*— Nossa, como isso aqui está mudado! —*

*D. Carmem estava muito surpresa.*

*— Claro. Ninguém quis entrar aqui para capinar o mato com medo de ver nosso filho perambulando. Deve estar cheio de cobras, tome cuidado.*

*Seguiram mato adentro e alguns minutos depois, avistaram, agarrado a uma mangueira, o que parecia ser Teodorinho. Barbudo, olhos fundos, pele retorcida, ossos quase à mostra e rosto coberto por uma espessa camada de pêlos. Quando viu os dois, soltou um grande uivo.*

*— João de Deus! Em que se transformou o nosso filho?*

*— Num Corpo Seco, ora essa! Meu Deus! Teodorinho é um Corpo Seco! — João*

*estava emocionado.*

*— Você não disse que o tinha visto estes dias? Por que não me contou que ele estava assim?*

*— Desculpe, eu menti... Nunca mais tive coragem de vir até aqui!*

*De repente, Teodorinho desceu da árvore e veio se arrastando até onde estavam.*

*— Não se aproxime! — João entrou na frente da mulher com medo que a machucasse novamente.*

*— Deixe, João. Quero falar com meu filho.*

*— De longe, não se aproxime!*

*O rapaz parou em frente à mãe e disse:*

*— Veio ver seu potrinho?*

*— Vamos embora daqui. — João pegou a mulher pelo braço.*

— *Me largue! Vá você, João. Quero falar com ele a sós.*

— *Tá louca? Acha que eu a deixaria aqui?*

— *Não tem perigo... Saia um pouco, por favor.*

— *Não! De jeito nenhum! — Ele estava irredutível.*

— *Vá João, ele não vai me fazer mal. Fique olhando de longe.*

— *Vou até aquela árvore e... Deus me livre!... Se ele te machucar... — Afastou-se e de longe prestava atenção aos movimentos do rapaz.*

— *Não contou a ele, não é, sua vaca?*

— *Não me chame assim, sou sua mãe. Me respeite!*

— *Conte a ele então! Ai eu te deixo em paz.*

— Não quero que me deixe em paz, quero apenas que me perdoe.

— Conte a ele...

— Vou contar... Prometo. Depois você volta para casa?

— Casa? — Ele ria debochadamente. — Minha casa é aqui, ora essa! Virou-se e subiu rapidamente pelos galhos da mangueira.

No caminho de volta, D Carmem iniciou com João uma difícil conversa.

— João... Tenho algo importante para te contar.

— Você esta branca! Está se sentindo bem? O que aquele peste te falou?

— Não importa... O que vou te contar vai mudar nossas vidas.



— *Então diga logo... Esse suspense não faz bem.*

— *É sobre meu filho...*

— *O que tem nosso filho?*

— *Meu filho... Não é seu. Teodorinho é meu filho somente, você não é o pai dele.*

— *Você esta doida? — João estava branco, as palavras sumiram e ele gaguejou... — Que história é essa?*

— *Lembra de quando nos conhecemos? Eu era namorada de seu irmão Rafael...*

— *Mas demoramos dois anos para nos casar. Vocês não estavam mais juntos... Ou estavam?*

— *Eu nunca consegui me livrar dele... Sempre aparecia e ameaçava acabar com a própria vida se eu não voltasse a namorá-lo.*

— *Por que não me contou?*

— *Tinha medo que brigassem... Dois irmãos brigando por uma mulher... Eu acabaria sem você, com certeza. Até que um dia engravidei e logo em seguida ele morreu.*

— *No acidente de cavalo... Por que não me contou então?*

— *Eu estava grávida de três meses. Ele estava morto. Achei justo deixar você pensar que o filho era seu.*

— *Justo? Achou justo?*

— *Me perdoe, João... Teodorinho nunca conseguiu me perdoar e isso está acabando comigo.*

— *Como ele descobriu?*

— *Ele tinha sete anos na época. Um homem que trabalhou com seu pai sabia*

do meu romance com seu irmão.  
Teodorinho foi crescendo cada vez mais parecido com o Rafael. O homem comentou isso com a mulher e o filho, colega de Teodorinho na escola. Daí aconteceu o pior... O coleguinha espalhou pelo colégio que o menino não era seu filho, mas seu sobrinho e deu no que deu. Quando ele veio me perguntar pela verdade eu não consegui mentir mais. Desde esse dia passou a me odiar. Agora João entendia o ódio do rapaz pela mãe. Anos e anos maltratando a mulher.

— João... Você também não vai mais me perdoar, não é mesmo?

— Preciso pensar... O mundo acaba de cair na minha cabeça! Preciso pensar...

Seguiu em direção a casa e não olhou para trás. Se tivesse olhado, teria visto D.

*Carmem estendida no chão. Passou mal e o coração não resistiu a tanta emoção. Faleceu sem obter o perdão do marido e do filho.*

— Tia Maria, coitada da D. Carmem! — Aninha estava chorando desconsolada.

— Calma, minha pequena! É só uma história. É tudo mentirinha. — Tia Maria tentava a todo custo consolar a menina.

— Vamos fazer o seguinte: todas fechando os olhos que amanhã termino de contar.

— Não terminou ainda? — Edileusa perguntou, surpresa.

— Não, ainda falta uma parte. Fica para amanhã, pois o que vocês precisam agora

é de uma boa noite de sono. Boa noite, meus anjos e sonhem com a Tia Maria.

— Boa noite, Tia Maria. — Luiza já abria a boca de sono.

— Vamos rezar para o Nosso Senhor proteger a Lurdes. Que ela consiga conquistar a família que a levou. — Carol se lembrou da amiga querida.

— Amém! E agora durmam. — Tia Maria saiu do quarto e a Dona Nena a aguardava do lado de fora.

— Vou acompanhá-la até o jardim para protegê-la dos fantasmas.

— Vai brincando, senhora diretora, vai brincando.

Mais um dia se encerrava e Tia Maria partia com aquela velha sensação de dever cumprido.

Da rua acenou para a diretora e percebeu que a janela do sótão estava aberta. Teria que avisar o jardineiro no dia seguinte, pois os pombos poderiam aproveitar para fazer seus ninhos ali, o que seria um transtorno. Só não viu o vulto que a observava por detrás da janela.

No dia seguinte, o céu amanheceu coberto de nuvens anunciando que iam ter muita chuva pela frente.

Antes mesmo do café da manhã, a senhora diretora apareceu anunciando as últimas notícias.

— Andem! Tratem de se arrumar logo para a escola! — O olhar percorreu o aposento como a procurar por alguém em especial.

— Onde estão Edileusa e Aninha?

— Tomando banho — disse Carol.

— As duas juntas? — Só tinham um chuveiro e as normas da casa proibiam esse tipo de comportamento.

— Não, é claro! Aninha está no chuveiro e Edileusa escovando os dentes. — Carol completou logo.

— Digam a elas para irem a minha sala urgente. — Virou as costas e saiu.

— Xi! Boa coisa não é! — Luiza estava preocupada com as amigas.

Minutos depois Edileusa e Aninha entravam na sala da diretoria.

— Entrem, vamos logo... Tenho algumas novidades para as duas.

— Vamos embora? — Edileusa perguntou.

— Vou direto ao ponto. O que acham de serem adotadas juntas?

— Como assim... Juntas? — Aninha estava surpresa.

— De serem irmãs, de morarem juntas na mesma casa?

— Minha mãe concordou em adotar Edileusa? — Aninha não segurava o contentamento.

— Não, minha pequena. Essa é a notícia ruim. Você não vai mais para a sua mãe.

— Que história é essa? Vocês não podem me afastar de minha mãezinha! — A menina fechou a cara e se levantou.

— Escute... — Dona Nena iniciou uma difícil conversa. —Ninguém mais do que eu gostaria de ver você feliz com sua mãe. Só que quem decide é o juiz e isso depende muito do comportamento de sua mãezinha.



— Minha mãe não se comportou? Ela até estava arranjando uma casa pra gente morar...

— Sim, meu amor, mas... Sua mãe não conseguiu vencer o vício e voltou a beber. Por isso se meteu em confusões e vai passar alguns anos fora.

— Minha mãe foi presa? — Aninha conhecia bem as confusões da mãe.

— Sim, meu amor... Sua mãe foi presa.

— O que ela fez dessa vez?

— Ela atentou contra a vida de uma pessoa e por isso vai ficar presa por muito tempo. Sinto muito, querida. Dessa vez, vai ficar muito tempo sem vê-la. O casal que vai adotar Edileusa soube da história e que vocês duas são amigas e decidiram adotá-la também, se você quiser, é claro.

A menina foi até a janela e as lágrimas começaram a cair. Edileusa se levantou para ir a sua direção, mas, com um gesto, a diretora a impediu.

— Aninha? Então? Agora é a hora de ser fria. Eu sei que está doendo, mas a sorte não surge duas vezes. Você queria tanto ficar junto da Edileusa. Não dessa maneira, eu sei... Deus às vezes escreve certo por linhas tortas, não é esse o ditado? Vamos, responda... Quer ir com a sua amiga? Ou quer continuar aqui comigo?

Aninha correu e abraçou a amiga por breves instantes. Até que a porta se abriu e a monitora anunciou...

— Senhora diretora, o casal chegou.

— Vão, meninas, vão buscar suas coisas.

— Olhou para a serviçal e disse: — Ajude as duas a arrumar as malas.

— Dona Nena, obrigada por deixar eu ir com a Edileusa. —Aninha esboçou um sorriso.

— Vai com Deus, meu bem. Vocês duas. Vão com Deus e sejam felizes!

O portão da frente se fechou. Mais duas vidas que ganhavam uma nova chance!

— Dona Nena...

— Fala, Diogo.

— Quando minha irmã vem me buscar?

— Na segunda feira.

— Jura? — Diogo abriu um grande sorriso.

— Juro. Agora vá tomar seu café.

Mais tarde, a chuva caía torrencialmente quando se ouviu uma movimentação no berçário.

— O que está acontecendo no berçário, Tia Maria?

— Estão enfeitando o quarto para a chegada de dois bebês.

— Dois ao mesmo tempo? — Sara era apaixonada por bebês.

— Sim. Gêmeos. Temos que aproveitar para vê-los hoje. Parece que nessa semana mesmo vão ser adotados.

—É tão bom ser bebê! Logo que chegam já tem uma fila de gente querendo adotá-los.

—É, meu bem... Infelizmente é assim. Os bebezinhos são os mais procurados.

À noite, nem bem escureceu e as crianças já esperavam Tia Maria para o final da história do Corpo Seco.

— Vão dormir mais cedo? — A diretora entrou no quarto, surpresa.

—É que hoje vamos saber o final da história do Corpo Seco. — Carol respondeu.

— Ainda o Corpo Seco? Não se cansam nunca desse filme?

— Hoje acaba o meu martírio! — Tia Maria respondeu logo.

— Ainda bem! Hoje vou sair mais cedo e vim me despedir.

—É tão bom ser a diretora! Poder sair na hora que quiser! — Luiza brincou.

— Nada disso. Ser diretora não é fácil! Tia Maria...

— Fala, chefia!

- Sei que tem medo de sair sozinha no jardim. Então tomei a liberdade e pedi para o senhor Roberto acompanhá-la até o portão.

— Quem?

— Roberto. O novo auxiliar de serviço. A senhora vai gostar dele, é um rapaz muito prestativo.

— Muito obrigada pela consideração. Eu realmente não estou disposta a correr o risco de dar de cara com o fantasma do Teodorinho por aí.

— Ora, vejam, assumindo que tem medo de fantasmas! Parabéns! — A diretora não perdia a chance de brincar com a mulher.

— Vamos, vamos... Todas para a cama. Se a senhora diretora me der licença, tenho que trabalhar.

— Boa noite, crianças. Até amanhã.

-Boa noite, Dona Nena. — O coro foi geral.

— Onde foi que eu parei? — E antes mesmo que respondessem...

— Esperem! Hoje eu lembro. D. Carmem faleceu...

— Morreu sem ser perdoada. — Carol completou.

-É verdade. Vamos lá.

## Capítulo V

*Passaram-se alguns dias após a morte trágica de Dona Carmem.*

*Seu João tinha colocado a fazenda à venda, pois não queria mais se lembrar do ocorrido. Contratou uma equipe para fazer a limpeza do lugar.*

*Foi até a Prefeitura local se informar a respeito de uma reserva florestal a alguns quilômetros dali. Contratou o serviço de um caminhão e estava indo até o pomar convencer Teodorinho a se mudar. Porém, para sua surpresa, o encontrou agarrado à cerca do portão.*



— *Veio me buscar, não é? — Parecia um bicho, todo sujo de lama!*

— *Como sabia que viria? — João estava surpreso com a recepção.*

— *Minha mãe me contou.*

— *Não seja ridículo. Você não tem mãe, nunca teve.*

— *Vamos logo, titio... Quer ou não quer que eu suba nesse caminhão?*

— *Tenho dó dos animais que vão conviver com você lá na reserva.*

— *Vou comer todos eles! — Teodorinho deu uma sonora gargalhada e subiu na carroceria do caminhão.*

— *Espere... Disse que viu sua mãe... Como ela estava?*

— *Boba como sempre.*

— Ela o perdoou?

— Claro! Boba como todas as mães... Perdoam fácil, fácil... Eu é que não vou perdoá-la.

— Tente. Ela precisa descansar.

Por um momento João pareceu ver brilhar uma lágrima no rosto do rapaz, mas em seguida ele se escondeu entre a lona do caminhão e não saiu mais.

Alguns anos mais tarde João faleceu, vítima de um enfarte. Acabava--se ali a geração da família Anunciato.

Do Corpo Seco ninguém nunca mais ouviu falar, somente que os bichos da reserva florestal haviam desaparecido misteriosamente. A lenda dizia que ele realmente comera todos.

— E o resto vocês já sabem...

— Tia Maria, a senhora acha que ele mora lá na mata até hoje? — Laís estava com os olhos arregalados.

— Acho que sim.

— Mas a senhora não disse que era uma história de mentirinha?

— Ah! Claro! Nossa! Vocês me deixam zozona com tantas perguntas.

— Tia Maria... — era Simone agora.

— O que foi, meu bem?

— Ouvi a diretora dizer que tem fotos da família que morou aqui lá no cofre.

—É daí? Não quer dizer que é da família de Teodorinho. Muitas famílias já passaram por aqui desde a época dos Anunciatos.

— E se for? Eu vi uma foto e tinha um casal igual à Dona Carmem e Seu João.

— Como sabe que era igual? Eu não mostrei foto para vocês...

— Parecidos com o que a senhora descreveu.

— Ora, parem de bobagem e vão dormir que já é tarde!

— Tem mesmo que ir embora? — Simone parecia com medo.

— Eu não disse que iam ficar impressionadas? — Tia Maria fechou a cara.

— Cala a boca e durma! — Era Carol que ordenava para a amiga.

— Durmam bem, meus anjos. Amanhã estou de volta.

Do lado de fora o rapaz a esperava para acompanhá-la até o portão. Fez um gesto de cavalheirismo com o braço, indicando o caminho à Tia Maria.

— Obrigada, meu rapaz. Está gostando do serviço? — Ele sorriu e correu até o jardim.

Rapidamente se adiantou abrindo o portão para Tia Maria sair.

— Boa noite, meu rapaz. Obrigada por me deixar falando sozinha e seja bem-vindo assim mesmo.

Antes de pegar no sono aquela noite, Tia Maria fez suas orações como era de costume, incluindo desta vez o nome da

família Anunciato.

— Senhor, dê paz àquela mãe. Acalme o coração do seu filho.

Fazei-me instrumento da tua paz

Onde houver ódio que eu leve o amor

Onde houver ofensa que eu leve o perdão

E adormeceu em meio à oração de São Francisco de Assis.

## Epilogo

No dia seguinte, D. Maria foi à sala da diretoria e se deparou com um senhor de cabelos grisalhos saindo.

— Mais um funcionário novo senhora diretora? Esse orfanato está dando lucro agora?

— Não te contei que contratei um novo auxiliar de serviço? O senhor Roberto?

— Sim, esse eu conheço. Referia-me a esse senhor que saiu de sua sala há pouco.

— Esse é o senhor Roberto! Aliás, ele reclamou que a senhora não o esperou ontem e saiu sozinha. Perdeu o medo de fantasmas?

— Não achei graça! A senhora tem umas brincadeiras de mau gosto! — Por um momento sentiu um vento frio passar no rosto.

— Do que está falando, mulher? Não estou brincando.

— Eu, tampouco. — Tinha medo de pensar no que passou por sua cabeça.

Tia Maria lembrou das fotos que Simone falou na noite anterior e teve uma intuição.

— Senhora diretora, é verdade que tem fotos de um antigo morador do orfanato quando ele ainda era uma fazenda?

— O que isso tem a ver com nossa conversa?

— Alguma coisa me diz que tem... Não sei explicar. Posso ver as fotos?



— Lá vem a senhora com histórias fantasmagóricas!

— Por favor... Nunca lhe pedi nada!

— Vá lá...

A diretora se dirigiu ao cofre e tirou um pequeno baú de dentro.

— Pronto. Aqui está. — Tirou uma foto de dentro e estendeu para Tia Maria.

— Esse casal... O homem.

— Que tem ele, Tia Maria?

— É o fantasma do jardim.

— Não seja ridícula!

— É ele mesmo. Vi algumas vezes. Não ia me enganar.

Tia Maria tomou o baú das mãos de Dona Nena e começou a vasculhar a procura de outras fotos.

— Santo Cristo!

— O que foi, mulher?

Tia Maria caiu no chão, desfalecida.

Acordou minutos depois com um forte cheiro de álcool.

— Está voltando... Obrigada, Sr. Roberto. Pode sair agora. — A diretora queria ficar sozinha com a mulher.

— O que aconteceu? — Tia Maria estava zozna.

— A senhora desmaiou.

— A foto... Claro. — Levantou-se à procura da foto em cima da mesa.

— Mais um fantasma?

— Não brinque, Dona Nena... É serio. A foto que eu vi... Esta aqui. É de Teodoro Anunciato.

— Sei... Do tal Corpo Seco. Mas ele está bem gordinho para ser um Corpo Seco, não acha?

— É o rapaz que me acompanhou até o portão ontem à noite!

— A senhora está louca?

— Juro! É ele! Não disse uma palavra. Eu até brinquei que ele me deixou falando sozinha...

A diretora estava perplexa.

— A senhora tem certeza? Não sonhou?

— Eu lá sou mulher de mentiras? Eu estava bem acordada. Ele estava muito bonito, rosto suave, olhar tranquilo... Sorriu para mim e eu senti uma grande paz.

— O que quer dizer com isso? — A diretora estava sem entender onde a mulher queria chegar.

— Quero dizer que ele descansou...  
Finalmente descansou! Teodorinho  
perdoou a coitada da mãe... Que Deus seja  
louvado!

— Amém... — Era só o que a diretora  
conseguia falar. — E completou: Espero  
que a senhora não conte para as crianças.  
Elas já estão bem impressionadas com  
tudo isso, digo, com essas histórias do  
Corpo Seco.

Tia Maria parecia não ouvir a mulher. Seu  
olhar estava perdido na foto que tinha nas  
mãos.

Não conseguiu explicar direito o que  
sentia, só sabia que não sentia mais medo.  
No dia seguinte a velha moita amanheceu  
florida.

No jardim, muitas margaridas e rosas deram o ar da graça!

Daquele dia em diante, no orfanato, todos os dias, faziam uma prece em memória à família Anunciato.

Tia Maria contava a história a todas as crianças novas que chegavam ali. Queria que servisse de exemplo para que perdoassem e respeitassem seus pais acima de tudo.

A oração de São Francisco de Assis era entoada todas as noites pelas crianças com a supervisão da mulher:

...E é dando que se recebe,  
É perdando que se é perdoado

E é morrendo que se vive para a Vida

Eterna.

As crianças do orfanato Santa Marta tinham orgulho de contar sobre o antigo morador do casarão, pois com ele aprenderam a amar e respeitar seus pais acima de qualquer tristeza.

E nunca mais criança alguma teve medo do Corpo Seco!

**FIM**

Mariângela Padilha, gaúcha dos pampas, de família pobre, neta de italianos e espanhóis, desde os cinco anos de idade já dizia que seria escritora.

Poetisa gótica, há dois anos, enveredou pelos caminhos do erotismo, estilo que já se tornou sua marca registrada.

No Orkut é conhecida como Me Morte, moderadora do Vale das Sombras, comunidade onde realiza Concursos de poesias Góticas periodicamente.

Principais características: arrojada, misteriosa e passional.

Me Morte...Por Mariângela Padilha

<http://www.memorte.recantodasletras.com.br>

Vale das Sombras

[http://www.orkut.com/Community.aspx?cm  
m=8910225](http://www.orkut.com/Community.aspx?cm<br/>m=8910225)

Blog do Vale

[www.valedassombrasmemorte.blogspot.com](http://www.valedassombrasmemorte.blogspot.com)

Instinto

[Http://www.memorteme.blogspot.com](http://www.memorteme.blogspot.com)

Me Morte... Contando Histórias

<http://www.memortemari.blogspot.com>



Psicografando

<http://www.maripsicografando.blogspot.com>